

*Os animais parecem-se tanto com o  
homem que às vezes é impossível  
distingui-los deste.*

K'nyo Mobutu



## **O Coelho e o Leão**

Um célebre Psicanalista encontrou-se certo dia no meio da Selva, meio perdido.

Com a força que dão o instinto e a sede investigadora conseguiu facilmente subir a uma altíssima árvore, a partir da qual pôde observar à vontade não apenas o lento pôr-do-sol como a vida e os hábitos de alguns animais, que comparou uma e outra vez com os dos seres humanos.

Ao cair da tarde viu aparecerem, por um lado, o Coelho; por outro, o Leão.

No início não aconteceu nada digno de ser mencionado mas pouco depois ambos os animais sentiram as suas respectivas presenças e, quando deram um com o outro, cada qual reagiu como tinha vindo a fazer sempre desde que o homem era homem.

O Leão estremeceu a Selva com os seus rugidos, sacudiu a juba majestosamente como era seu costume e rasgou o ar com as suas garras enormes, o Coelho respirou mais depressa, viu por

um instante os olhos do Leão, deu meia volta e afastou-se a correr.

De regresso à cidade o célebre Psicanalista publicou *cum laude* o seu famoso tratado no qual demonstra que o Leão é o animal mais infantil e covarde da Selva, e o Coelho o mais valente e maduro: o Leão ruge e faz gestos e ameaça o Universo movido pelo medo; o Coelho, percebendo isto, consciente da sua própria força retira-se antes de perder a paciência e acabar com aquele ser extravagante e fora de si, que ele já conhece e que afinal nunca lhe fez nada.

## **O Macaco que queria ser um escritor satírico**

Na Selva viveu uma vez um Macaco que queria ser um escritor satírico.

Estudou muito, mas rapidamente percebeu que para ser um escritor satírico lhe faltava conhecer os outros e aplicou-se a visitá-los todos e a ir aos cocktails e a observá-los pelo canto do olho enquanto estavam distraídos com um copo na mão. Como era muito divertido e as suas ágeis piruetas entretinham os outros animais, era bem recebido em qualquer parte e aperfeiçoou a arte de ser ainda melhor recebido.

Não havia quem não ficasse fascinado com a sua conversa e quando chegava era recebido com júbilo tanto pelas Macacas como pelos esposos das Macacas e pelos outros habitantes da Selva, perante os quais, por contrários que lhe fossem em política internacional, nacional ou doméstica, se mostrava invariavelmente compreensivo; sempre, claro, com vontade de investigar a fun-

do a natureza humana para poder retratá-la nas suas sátiras.

Chegou assim o momento em que de entre os animais era ele o maior conhecedor da natureza humana, sem que nada lhe escapasse.

Então, um dia disse a si próprio “vou escrever contra os ladrões”, e concentrou-se na Pêga, e começou a fazê-lo com entusiasmo e gozava e ria e trepava de prazer às árvores por causa das coisas que lhe ocorriam acerca da Pêga; mas de repente lembrou-se de que entre os animais de sociedade que o recebiam havia muitas Pêgas e especialmente uma, e que se iam ver retratadas na sua sátira, por suave que a escrevesse, e desistiu de o fazer.

Depois quis escrever sobre os oportunistas, e ficou com a Serpente debaixo de olho, a qual, por diversos meios que resultavam da sua arte adulatória, lograva sempre conservar, ou substituir, melhorando-os, os seus cargos; mas várias Serpentes suas amigas, e especialmente uma, sentir-se-iam atingidas, e desistiu de o fazer. Depois desejou satirizar os trabalhadores compulsivos e deteve-se na Abelha, que trabalhava

estupidamente sem saber para quê nem para quem; mas por medo que os seus amigos deste gênero, e especialmente um, se ofendessem, acabou por compará-la favoravelmente à Cigarra, que, egoísta, não fazia senão cantar e cantar, dando-se ares de poeta, e desistiu de o fazer. Depois ocorreu-lhe escrever contra a promiscuidade sexual e dirigiu a sua sátira contra as Galinhas adúlteras que andavam todo o dia inquietas em busca de jovens Galos; mas tantas destas já o tinham recebido que temeu ofendê-las, e desistiu de o fazer.

Finalmente, elaborou uma lista completa das debilidades e defeitos humanos e não encontrou contra quem dirigir as suas baterias, pois todos estavam nos amigos que partilhavam a sua mesa e em si próprio.

Nesse momento renunciou a ser escritor satírico e começou a dar-lhe para a Mística e o Amor e essas coisas; mas por causa disso, já se sabe como são as pessoas, todos disseram que tinha ficado louco e já não o recebiam tão bem nem com tanto gosto.